

O que a psicanálise nos ensina a partir da perversão: considerações sobre ética, moral e discurso capitalista

What psychoanalysis can elucidate us from the perversion perspective: considerations on ethics, morals and capitalism discourse

Lo que el psicoanálisis nos enseña de la perversión: consideraciones sobre ética, moral y discurso capitalista

Ce que la psychanalyse nous apprend à partir de la perversion: considérations sur l'éthique, la morale et le discours capitaliste

LIGIA GAMA E SILVA FURTADO DE MENDONÇA

RITA MARIA MANSO DE BARROS

Esse trabalho propõe-se a investigar, interrogar e evidenciar o papel da psicanálise, apoiada em sua ética, no que diz respeito as intervenções que chamaremos de perversas no campo social. Através de considerações sobre a perversão-polimorfa e a perversão estrutural, distancia-se de conteúdos que tratam a perversão como moralmente inaceitável, uma vez que ela é intrínseca à sexualidade. Partindo de estudos sobre a moral e a ética de um modo geral e os da psicanálise de modo especial, elucidados pela relação com a perversão, aborda-se as semelhanças entre a perversão e o discurso capitalista. Essa questão nos implica uma vez que constatamos na cultura e na clínica práticas que se sobrepõem à ética e cerceiam a atuação psicanalítica. Toma-se o exemplo da tentativa de impedimento de psicanalistas acompanharem autistas na França. A ética se aproxima da perversão uma vez que ambas se distanciam de uma moral universal, no entanto, a busca incessante por gozo une o perverso ao capitalista e o afasta da ética. Basear-nos-emos, sobretudo, em Freud e em Lacan, e em autores do campo da filosofia e das ciências

sociais. Considera-se o discurso psicanalítico uma ferramenta crítica poderosa a desnudar, e até mesmo neutralizar, os estragos subjetivos do discurso capitalista

Palavras-chave: Psicanálise. Perversão. Ética. Cultura. Capitalismo.

Neste artigo, propomos investigar, interrogar e evidenciar o papel da psicanálise, apoiada em sua ética, no que diz respeito as intervenções que chamaremos de perversas no campo social. A pertinência do tema pode ser percebida em diversas situações atuais, desde as particularidades que permeiam a pandemia do vírus Sars-Cov-2 até à ascensão do fascismo pelo mundo. No entanto, essa questão nos implica uma vez que constatamos na cultura e na clínica práticas que se sobrepõem à ética que sustenta o laço social e tentam cercar a atuação psicanalítica. Como exemplo, citamos a campanha ocorrida na França em 2012 que tinha como alvo a proibição de que as equipes de saúde utilizassem a psicanálise como abordagem para casos de autismo¹. Sauret *et al.* (2016) examinaram o porquê a psicanálise é, muitas vezes, o alvo de ataques de outros profissionais - neurobiólogos, behavioristas ou outros neurocientistas - além de associações de familiares de pessoas com autismo que apoiam e até mesmo participam de seus estudos.

De fato, o autismo fornece a possibilidade de um teste no mundo real, por assim dizer, do modelo biopsicossocial do indivíduo sobre o qual todo o funcionamento do capitalismo é baseado. É um indivíduo que pode ser reduzido completamente aos fatores que o determinam – uma máquina útil, eficaz, lucrativa, flexível, durável e econômica que existe para processar a informação; o que lhe foi subtraído é a capacidade de julgamento e a responsabilidade tanto por suas escolhas quanto pelo lugar no qual ela pode “viver junto” com os outros. Em suma (e em aparente contradição com a aparente crença do neurocientista no livre-arbítrio), é um indivíduo incapaz de fazer escolhas reais (SAURET *et al.*, 2016, p.1110).

Considerando que a psicanálise leva em conta o sujeito do desejo e não as expectativas sociais com relação às singularidades (embora não as despreze), sua forma de lidar com os sujeitos, em especial o sujeito autista, não poderia ser outra que não a da aposta em acompanhá-lo no caminho para o real com o qual se confronta. Nessa base, a psicanálise está justificada em supor que há um sujeito no sentido completo do termo, no que pese não ser um produto facilmente deglutido pelo sistema, ao contrário. Basta ver o caso de Greta Thunberg, a jovem ativista social, que se apresenta em seu Twitter como

¹ Acontecimentos que tomaram a França no ano de 2012 e que tinham como alvo a eficácia da Psicanálise, sem que cada um dos campos acusatórios discutisse a sua própria ineficácia nos mesmos casos. Ver o artigo de Marie-Jean Sauret, Sidi Askofaré, Pascale Macary-Garipuy, Daniel Camparo Avila. Controvérsias atuais no tratamento do autismo na França: o que está em jogo para a psicanálise. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 1098-1118, 2016.

O que a psicanálise nos ensina a partir da perversão: considerações sobre ética, moral e discurso capitalista

portadora da Síndrome de Asperger, e que mantem impressionante foco na defesa do clima do planeta.

Contudo, nosso tema aqui não é o autismo, mas sim tomar a via da perversão, através da qual discutiremos a dimensão ética da psicanálise e seu distanciamento da moral, além de abordarmos a afinidade da perversão com o discurso capitalista. Nossa intenção é demonstrar o ataque que o discurso capitalista faz à psicanálise.

A estrutura e a sexualidade infantil perverso-polimorfa

Não devemos confundir perversão com perversidade. A perversidade é facilmente percebida através da violência do Estado alastrada em nossos dias, nas condutas racistas, homofóbicas, misóginas que vão contra as leis civilizatórias, inviabilizando a construção de laços sociais. A História nos fornece diversos exemplos, como a criação nazista das câmaras de gás, as bombas lançadas pelos Estados Unidos nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, os muros erguidos na atual Israel e na fronteira entre EUA e México; até pelo próprio desleixo com que as autoridades brasileiras estão tratando a pandemia. Apresenta-se também no cotidiano das pequenas e grandes violências perpetradas contra o semelhante, os pequenos gozos da maldade: entre irmãos, entre amigos, entre vizinhos, entre parceiros de vida amorosa. Com Freud percebemos que esses atos classificados como perversos não predizem a estrutura do sujeito, mas deixam claro o quanto o homem usufrui de prazer intenso (gozo) destruindo o próximo. A ressalva é importante uma vez que a estrutura perversa, como Freud insistiu ao enunciar que a neurose é o negativo da perversão, diz respeito à subjetivação resultante da negação (*Verleugnung*) da castração na dialética edípica. Onde o neurótico aceita a castração, o perverso a recusa, mesmo sabendo que ela está aí no mundo.

Vale recordar que o diagnóstico diferencial estrutural é feito por meio de três modos de negação do Édipo - negação da castração do Outro - correspondentes às três estruturas clínicas (QUINET, 2005). No caso do neurótico, nega-se o material, mas conserva-o no inconsciente, onde ele se manifesta através do recalque (*Verdrängung*). Na psicose, seu modo de negação - a forclusão, rejeição (*Verwerfung*) - não deixa traço ou vestígio; a resolução é mais definitiva, pois o sujeito se livra do material, descartando-o da consciência, mas recebendo-o de volta em delírios e alucinações inconscientes, como se fosse um material estranho ao seu ser. Muitas vezes, como no caso da paranoia de Schreber, reconstruindo o mundo a partir de suas criações delirantes. Já o perverso nega

O que a psicanálise nos ensina a partir da perversão: considerações sobre ética, moral e discurso capitalista

(*Verleugnung*) o material conservando-o no fetiche. É como se o sujeito soubesse da existência daquilo que ele recusa, porém persiste em negar a sua presença. Com isso, percebe-se que a *Verleugnung* funciona como uma contradição: é um movimento no qual saber e negar este saber coexistem. Isso é bem salientado no texto de Freud (1927), *Fetichismo*, onde ele explicita que o fetichista tem um saber sobre a castração, o que não o impede de gozar como se não o tivesse. O fetiche, paradoxalmente, atua como um triunfo sobre a ameaça de castração e também como um símbolo que relembra a todo instante, justamente, a castração. Há um compromisso intermediário entre desmentir-la e reconhecê-la. O objeto fetiche funciona como um aplacador da angústia de castração, assim como o objeto fóbico. Ao pensar o esquema do fetichismo a partir da tríade edipiana mãe-falo-criança que Lacan (1956-1957/1995, p. 57) pontua que a fobia é de outra ordem: ela é uma maneira demarcadora de suportar o horror, “um apelo por socorro, o apelo a um elemento simbólico singular” para que o desejo não desapareça. Já o objeto fetiche é uma condição do desejo.

No entanto, desde 1905 que Freud também aborda a perversão estrutural por outro prisma, além do mecanismo da *Verleugnung*. A fixação da pulsão a um objeto, denotando seu caráter de exclusividade, e a regressão da libido são características também essenciais para a compreensão da perversão. A base e o princípio da estrutura perversa, pontua Lacan (1968-1969/2008), tratam de evitar a hiância radical, na ordem do significante, representada pela castração, provendo o Outro, sem furo, de alguma coisa que substitua a falta fálica. A perversão busca restituir o *objeto a* ao campo do Outro, sendo S(A) a chave para entender a perversão. “Desta forma, negar a castração por meio do desmentido – acarretando uma divisão do eu [...] – conduziria a uma regressão libidinal pela qual o sujeito se fixa a uma única forma de satisfação, por meio de um objeto exclusivo” (FURTADO DE MENDONÇA, 2018, p. 52).

A perversão-polimorfa pertence a outro terreno, distinto da perversão estrutural e da perversidade, mas também interligada a elas. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905/2006), Freud entende a perversão como um desvio de uma função normal, especialmente no tocante à esfera sexual, para assim introduzir o conceito de pulsão, mas não a destaca como ‘anormal’. Ele demarca outros contornos para as questões que cercam a diferenciação entre normal e patológico, pois a noção de pulsão, ao contrário daquela que se atribui ao instinto, desconstrói a possibilidade de uma versão ‘natural’ do desejo. A ênfase é colocada na intensidade e exclusividade da forma de gozo

O que a psicanálise nos ensina a partir da perversão: considerações sobre ética, moral e discurso capitalista

privilegiada. Deste modo, perversão, desvio, transgressão e aberração são facetas da sexualidade humana: sempre infantil, perversa e polimorfa. A sexualidade ‘normal’ é salpicada de pequenos temperos perversos, isto é, infantis, arcaicos, retrospectivos da história de cada um.

A partir dessa apresentação sobre a pluralidade do conceito de perversão na psicanálise, abordaremos algumas relações possíveis entre perversão e moral, ética e discurso capitalista como chave de compreensão para algumas questões contemporâneas.

Moral, ética – o bem e o mal

Precisamos distinguir também moral de ética. A palavra moral origina-se no latim *morale* - relativo aos costumes (*mores*) ou hábitos. Sustenta-se no argumento do que é norma para uma coletividade, não considerando as singularidades. Defende oposições como certo/errado, bom/mau, normal/patológico. No Dicionário de Aurélio Buarque de Hollanda (1999, p. 848), moral é definida como “conjunto de regras de conduta consideradas como válidas, quer de modo absoluto para qualquer tempo ou lugar, quer para grupos ou pessoa determinada”, ou seja, regras estabelecidas e aceitas pelas comunidades humanas durante determinados períodos de tempo. Já a palavra ética vem do grego *ethiké*, representando a ciência que estuda os costumes, que origina em latim o termo *ethica*, de igual significado. A ética se constitui na ciência que estuda o comportamento moral, a moralidade disseminada entre os sujeitos de uma determinada cultura.

Enquanto a moral é produto espontâneo da convivência histórico-social entre os homens, a “ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral, considerados porém na sua totalidade, diversidade e variedade” (VÁSQUEZ, 1999, p. 21). A moral é a prática, enquanto a ética constrói uma teoria sobre essa prática.

A ética não cria a moral, mas se depara com uma experiência histórico-social no terreno da moral, ou seja, com uma série de práticas morais já em vigor e, partindo delas, procura determinar a essência da moral, sua origem, as condições objetivas e subjetivas do ato moral. A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade, e tem como objeto de estudo a moral (VÁSQUEZ, 1999, p. 23).

De um modo geral, do ponto de vista filosófico, a moral trata das coisas práticas como elas se apresentam no mundo e a ética estuda o comportamento moral. A moral corresponde às normas construídas pelos homens para viver em sociedade. São regras de conduta que os homens desenvolvem para conviver, ninguém sabe exatamente quem determina que as coisas sejam como são no que diz respeito ao que é moral ou não, é a repetição do costumeiro que se impõe. Claro que tal forma é carregada de superstições, medos, preconceitos; mas também há aqueles que pretendem organizar e legislar sobre o melhor comportamento para se viver em sociedade sem que isso leve à violência da segregação e mesmo à guerra.

Quando Freud cria a segunda tópica, introduz a instância moral, o supereu, como aquela que reproduz inconscientemente os valores morais de seus ancestrais, perpetuando, e mesmo alterando, esses valores. O sentimento de culpa é o fator moral que interfere, inclusive, na cura do sujeito, sendo uma das maiores resistências encontradas no tratamento psicanalítico. Aqui é bom recordar que em *O eu e o isso* (1923), embora não acrescente ao título o supereu, ele escreve que este último, intrinsecamente ligado ao isso, é formado de antigos eus reencarnados.

As experiências do ego parecem, a princípio, estar perdidas para a herança; mas, quando se repetem com bastante frequência e com intensidade suficiente em muitos indivíduos, em gerações sucessivas, transformam-se, por assim dizer, em experiências do id, cujas impressões são preservadas por herança. Dessa maneira, no id, que é capaz de ser herdado, acham-se abrigados resíduos das existências de incontáveis egos; e quando o ego forma o seu superego a partir do id, pode talvez estar apenas revivendo formas de antigos egos e ressuscitando-as (FREUD, 1923/1976, p. 53).

Assim, o comportamento moral é transmitido pelo inconsciente transgeracional, que cria raízes na carne e determina o caminho pulsional de cada sujeito, sofrendo também as influências de sua época e dos acontecimentos singulares em suas vidas. Fonte de inspiração de estudos sobre a ética, na Grécia Clássica, em um esforço de compreender e registrar o comportamento moral do cidadão grego de sua época, Aristóteles escreve *Ética à Nicômaco*, como uma espécie de guia de como o indivíduo deveria se conduzir na vida. Recomenda a busca pelo Bem Supremo (*eudaimonia*, isto é, a felicidade), o meio-termo, longe dos excessos e próximo ao bem comum. Lacan advertirá que “a ética

O que a psicanálise nos ensina a partir da perversão: considerações sobre ética, moral e discurso capitalista

em Aristóteles é uma ética do caráter” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 22), enquanto para a psicanálise a ética aprofunda a noção de real, aquilo que retorna sempre ao mesmo lugar, e que é justamente o que faz obstáculo à felicidade, conforme Freud apontou em *O mal-estar na civilização* (1930). Lacan (*ibid.*, p. 15) denuncia justamente o moralismo “da domaço do gozo perverso”, quando alguns psicanalistas buscaram reduzir as origens paradoxais do desejo exploradas por Freud a partir da perversão-polimorfa com a finalidade de se alcançar uma harmonia. Como Freud nos ensina, o processo civilizatório exige rigorosa renúncia à satisfação pulsional, tarefa que cobra um preço alto às subjetividades, tornando quase impossível o estado oceânico de completude e pertencimento, induzindo ao adoecimento psíquico. No caso da estrutura perversa, o sujeito sabe que deve abrir mão do gozo que extrai do outro como objeto, como vítima, mas, mesmo assim, arrisca-se a gozar plenamente, restituindo o *objeto a* em A, procurando, para além da completude, o excesso e desprezando o meio-termo.

Ao investigar a perversão através da ética, atrelamos o saber clínico ao social. Ao abordar o campo da ética, Lacan assimila tópicos tradicionalmente relacionados a este assunto, tais como o bem, o belo, a morte, o prazer, a felicidade. Inspirado em Aristóteles, que como apresentamos propõe que a ética se refere a uma boa maneira de ser ou de se conduzir na vida, a reflexão lacaniana sobre a noção de ética é fundamentada com rigor no pensamento psicanalítico, o que introduz precisamente a dimensão do desejo. Pode-se afirmar que a ética da psicanálise está centrada no desejo e, por conseguinte, se afasta dos imperativos do supereu e dos ideais sociais, sem os desprezar. Ela, ao contrário da moral, não está articulada ao Bem supremo: a ética psicanalítica tem como horizonte o real, enquanto a moral tenta recobrir a impossibilidade do real através de regras e proibições, e é por isso que “a dimensão do bem levanta uma muralha poderosa na via de nosso desejo” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 274). Afinal, o que é fazer o bem para o outro ou para si mesmo?

Por menos que Freud (1930/2006) tenha se aprofundado na questão ética em si, seus comentários feitos a respeito da alegoria schopenhaueriana dos “porcos-espinhos no frio” e da afirmação de Plauto (retomada por Hobbes) de que “o homem é o lobo do homem” demonstram que o tema sempre esteve presente em seu pensamento. Mais especificamente, Freud abre uma via (“lá onde isso estava, o eu [sujeito] deve advir”²)

² O texto no original em alemão é: *Wo es war, soll ich werden* (FREUD, 1933[1932]/2006, p. 84).

que enfatiza a função fecunda do desejo no direcionamento da ação humana que, por sua vez, está no centro da discussão ética. Desta maneira, entende-se a posição lacaniana (LACAN, 1959-1960/2008) em defender que a psicanálise não é um idealismo, muito menos uma ética do Bem Supremo.

Ao destacar o posicionamento ético de Freud quanto ao alcance e limites da psicanálise e à posição do analista, Lacan (1966/1998) levanta questões referentes à ética da psicanálise como sendo do alcance da própria teoria que embasa o trabalho dos psicanalistas. A ética é da psicanálise e não de cada um dos que a exercem.

A hipocrisia moral dos ‘homens de bem’ ou Kant com Sade

Circunscreveremos a discussão lacaniana sobre a ética através da relação do perverso com a lei a partir dos textos contemporâneos de Kant (1788) e Sade (1795). Com os ensinamentos de Lacan acerca da diferenciação entre ética e moral (1959-1960/2008), pensamos, à primeira vista, que Kant e Sade se posicionam de maneira oposta no que concerne à lei moral. No entanto, suas obras são compatíveis e até mesmo se complementam. Lacan (1966/1998) chega a afirmar que *A filosofia na alcova* (SADE, 1795) fornece a verdade da *Crítica da razão prática* (KANT, 1788). O denominador comum destes dois textos é a ética, mas Kant defende o *bem* enquanto lei da natureza e Sade, o *mal*. Através de sua obra, Kant aspira a uma lei moral *universalizante*, pois se não fosse assim a lei seria fornecida pela natureza e o homem seria nada mais que o resultado de suas circunstâncias; uma vontade livre sem sentido. Como aponta Martinho (2011), para Kant não há liberdade quando somos guiados pelo bem-estar, quando a lei está submetida à vontade, mas quando o sujeito pode determinar de forma autônoma um objeto à vontade através da universalidade da razão. A lei moral regula a conduta racional do homem, agindo nele como uma ‘voz interior’. Há aqui a conformação da vontade à lei, que proporcionaria um gozo para além do prazer, sendo puramente moral.

Assim como Kant, Sade tem aspirações universais que visam à purificação da vontade, liberando-a de todo conteúdo empírico e patológico, como o direito de gozar do corpo do outro. E ele fundamenta seu princípio justamente nos Direitos dos Homens, como ressalta Lacan (1966/1998, p. 782): “É pelo fato de que nenhum homem pode ser de outro homem propriedade, nem de algum modo seu apanágio, que não se pode disso fazer um pretexto para suspender o direito de todos de usufruírem dele, cada qual a seu

O que a psicanálise nos ensina a partir da perversão: considerações sobre ética, moral e discurso capitalista

gosto”. Portanto, é o Outro como livre que o discurso do direito ao gozo instaura como sujeito de sua enunciação. Nesse plano, coloca-se o desejo como vontade de gozo.

Podemos perceber que Kant e Sade acordam quanto ir além do bem-estar. Lacan vai adiante ao afirmar que o segundo completa o primeiro, pois Sade revela o *objeto a* – voz (enquanto mandato do supereu) – que está oculto em Kant, sendo assim mais honesto que o filósofo alemão. A ‘voz interior’ que guiaria as ações humanas demonstra bem a ideia de Kant quanto ao desejo e a lei: há desejo, e por isso há a lei para limitá-lo, uma ‘voz interior’ que impediria ceder a seus desejos. Lacan, por outro lado, recusa inteiramente esta posição, pois se a aceitamos, estamos comungando com uma teoria do desejo naturalista: “a lei e o desejo recalcado são uma única e mesma coisa” (LACAN, 1966/1998, p. 794). Sendo assim, compreende-se que o desejo não é naturalista como aponta a concepção kantiana, mas um efeito da palavra no campo da linguagem, do Outro, o que nos permite entender que a dimensão moral se enraíza no próprio desejo. No caso de Sade, ele só transgredir a lei porque, de alguma forma, está atrelado a ela.

O Marquês de Sade, fonte de inspiração para o termo *sadismo*, trouxe à luz a violência do erotismo que a cultura sempre tentou ocultar. Para ele, se a natureza era o verdadeiro fundamento, não cabia aos homens reprimirem seu próprio lado destrutivo natural; seria a civilização e suas leis morais que desumanizariam o homem. Com que direito deve-se reprimir aquele que só sente prazer infligindo dor aos outros, se tal prazer é ditado pela própria natureza, a qual, em verdade, está acima dos homens?

Poder-se-ia dizer que, para Sade, dar vazão às pulsões seria a sua ética e o gozo seria a sua finalidade. Ética esta que estaria acima das meras convenções humanas de bem e mal, certo e errado. Ele justifica ponto por ponto a demolição dos imperativos fundamentais da lei moral, e preconiza o incesto, o adultério, o roubo, e assim por diante. Se em Kant, a lei impera, mas não sem gozo, para Sade é o gozo que o rege, mas não sem lei; é um tratado da moral às avessas. O perverso está no campo da Lei (castração do Outro), campo responsável por fundar o desejo. No entanto, o desejo, tanto quanto a Lei, forma uma barreira em relação ao gozo, e este último, por sua vez, é essencial ao perverso para tapar o furo do Outro, a castração, que ele insiste em desmentir.

Como *A filosofia na alcova* (1795) - que foi publicado clandestinamente em 1795, seis anos depois da Revolução Francesa iniciada em maio de 1789 - aparece oito anos depois de *Crítica da razão prática* (1788), Lacan considera *A filosofia na alcova* um tratado da moral, e não do desejo, assim como a *Crítica* de Kant. No entanto, Kant acredita

O que a psicanálise nos ensina a partir da perversão: considerações sobre ética, moral e discurso capitalista

que somente uma lei moral absoluta poderia impedir o homem de ir aos extremos, enquanto Sade demonstra que não é uma lei moralizante que barra o sujeito, mas os extremos que formariam a lei.

Desta forma, ratificamos que não podemos colocar na conta apenas da perversão estrutural as condutas desviantes, que desafiam a lei, e muito menos aquelas que se sobrepõem à ética. Pelo contrário, a perversão, como nos demonstrou Lacan, pode elucidar os contornos éticos, afastando-os de uma moral normalizante, desnudando a hipocrisia moral que se esconde nos ‘homens de bem’. Como psicanalistas conhecemos nossas profundezas e as daqueles que escutamos. Sabemos que os autointitulados conservadores são pessoas que abominam no semelhante tudo que alimentam em seus subterrâneos. Todavia, as condutas sociais que percebemos hoje, atreladas ao capitalismo, podem ser aproximadas da perversão no que tange ao gozo. E para abordar nossa desgraça atual de um mundo fascistizado por ‘homens da mercadoria’³, nos aproximaremos do discurso capitalista.

O discurso capitalista e a teia que nos tece

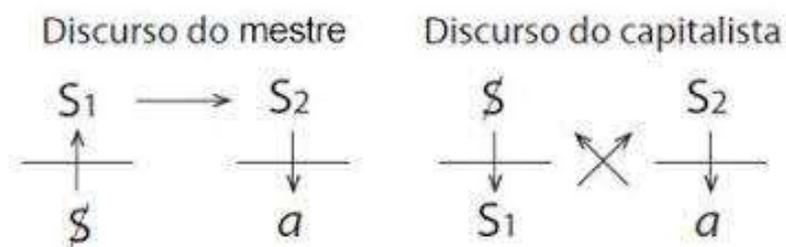
É do conhecimento comum que uma das mais poderosas fontes da brutal inserção da moralidade burguesa teve a sua inspiração nas imposições morais feitas pela Rainha Vitória, da Inglaterra, que teve um governo longo, de 1838 a 1901. O tipo de educação que defendia foi profundamente marcado por costumes rígidos, moralismo social e sexual, fundamentalismo religioso e grande exploração capitalista, marcando sua influência pela Europa do século XIX. A educação vitoriana, se por um lado deu origem a uma classe média culta e educada, por outro, com a Revolução Industrial, possibilitou a exploração de trabalhadores, adultos e crianças, sem nenhum acesso à educação, e sem que a burguesia experimentasse culpa por explorá-los ou responsabilidade por suas condições subumanas de vida. Enquanto Freud constatou seus estragos no âmbito da educação através de seus pacientes adoecidos, Karl Marx iluminou pensamentos sobre o que de fato estava em jogo na exploração capitalista – o fetiche da mercadoria.

Lacan respondeu aos acontecimentos que balançaram a cultura ocidental em 1968 com sua conhecida teoria dos quatro discursos de 1969, apoiado na retomada do projeto

³ Tanto Davi Kopenawa em seu livro “A queda do céu” (São Paulo: Cia. Das Letras, 2015), como Ailton Krenak em “Ideias para adiar o fim do mundo” (São Paulo: Cia. Das Letras, 2019), um do povo originário Yanomami, outro do povo Krenak, referem-se aos homens brancos com esse distintivo.

O que a psicanálise nos ensina a partir da perversão: considerações sobre ética, moral e discurso capitalista

freudiano “pelo avesso” (1969-1970/1992, p.10). Relembramos que os discursos são estruturas de funcionamento da linguagem no laço social, admitindo quatro combinações em rede por onde circulam as bases de encontro com o outro: do mestre, do universitário, do analista e da histórica, sendo o primeiro, o discurso do mestre, sua fórmula matriz. Começando então pelo discurso do mestre, fazendo um quarto de giro, passamos a outra estrutura discursiva, e cada uma delas mantém uma relação constante entre os elementos que a constituem. Daí brota o sujeito dividido, $\$$. Decorre de sua divisão uma perda, que Lacan denomina como o *objeto a*. O que nos interessa aqui é o fato do discurso do mestre desenvolvido plenamente demonstrar sua clave no discurso do capitalista. Não se trata de um novo discurso, mas um pequeno giro do discurso do mestre. Ao contrário dos demais discursos, que sustentam o laço social, o discurso capitalista o despreza. Nele nos deteremos.



O discurso do mestre e o do capitalista

De acordo com Braunstein (2010, p. 148), o mestre antigo “promovia a formação de indivíduos juridicamente regulados em sua relação com o Soberano, súditos obedientes dotados de direitos e deveres”, enquanto o mestre moderno “incita a satisfação direta de aspirações e demandas, roçando e perfurando as linhas de fronteira (*borderlines*) da lei”. Se um é o mestre da repressão, mesmo ocultando o quanto depende do saber do escravo ou súdito; o outro, o do discurso capitalista, comanda o gozo e não faz laço social. Assim, todo discurso que se aparenta com o do capitalismo “deixa de lado isso que de maneira simples chamaremos coisas do amor” (LACAN, 1972 *apud* BRAUNSTEIN, 2010, p. 149).

Desta forma, próximo ao capitalista que busca desenfreadamente um gozo ‘roçando e perfurando a lei’ e que deixa de fora de seu discurso as ‘coisas de amor’, localizamos o perverso que, fixado no pólo pulsional da fantasia, do gozo, do *objeto a*,

O que a psicanálise nos ensina a partir da perversão: considerações sobre ética, moral e discurso capitalista

elide o polo do amor, do inconsciente, do $\$$. Coutinho Jorge (2006) fundamenta justamente a fantasia como a articulação entre o inconsciente ($\$$) e a pulsão (*objeto a*), entre o simbólico e o real. Situa, ainda, no primeiro pólo, o amor, e do outro lado, o gozo. Para o perverso, o gozo fica como uma defesa em relação ao vínculo amoroso, pois este alude a certa castração do gozo.

Em busca por gozos sem fim, tanto a perversão quanto o capitalismo abolem a diferença, o desejo do Outro, indo justamente contra a psicanálise e o discurso do analista, que visam a singularidade irreduzível do sujeito, S_1 , aquilo pelo qual ele é como é e, por isso, não é como ninguém. Esse objetivo só é possível sustentado por uma ética, a ética do desejo, que a psicanálise tornou a sua ética, demonstrado aqui através da relação do perverso com a lei.

A singularidade explicitada e defendida pela psicanálise em nada se aproxima do individualismo reinante no mundo liberal atual. Ao contrário. Ela é totalmente ligada ao coletivo que há em nós e no mundo, e é solidária da construção e manutenção dos laços sociais sustentados no desejo singular.

Marx (1867) já identificava o segredo do capitalismo como a fetichização da mercadoria, quando a matéria bruta da coisa (valor de uso) passa para o sistema de intercâmbio (valor de troca), e se envolve de características que não são delas (visíveis e inapreensíveis), servindo, assim, aos caprichos do capital. O fetichismo aqui representa a ruptura entre a utilidade e o valor, fazendo com que as mercadorias, *os gadgets*, como os chama Lacan, como os fetiches, pareçam possuir sua própria energia, elevando um objeto comum, uma coisa, a um outro estatuto. Como se só gozásemos com determinado objeto, seja ele um item de consumo ou um símbolo *imaginarizado* que tampona a castração; qualquer coisa que sirva para proteger-se contra a angústia, contra o fato de sermos incompletos. Abre-se, então, espaço para se pensar na forma fetichizante entre capital e dinheiro, através da ganância, dos mecanismos de interesse e da renda. A selvageria do capitalismo reduz então aquilo que do ponto de vista histórico era inicialmente uma relação social entre homens com suas respectivas singularidades em uma relação entre coisas. Cada um de nós somos coisas comprando coisas para o capital não cessar de ser acumulado nas mãos invisíveis do ‘mercado’, ou seja, de 0,01% da população mundial enquanto o resto dos bilhões de humanos no mundo passam fome!

O discurso capitalista nada quer saber do amor. Os capitalistas não estão incomodados, nem culpados, tampouco sentem-se responsáveis pelas desgraças que não

lhes tocam. Para esse discurso que dispensa o laço social, cada corpo humano ou é um potencial consumidor (que lhe proporcione gozo) ou não vale estar vivo. Como na proposta sadeciana, o outro está aí para ser gozado, e não deve a isso se opor, já que tal caminho é conduzido pelas leis imperiosas da Natureza. Encontra-se aqui com uma das formulações do imperativo categórico kantiano de que só se deveria agir na condição de que a máxima da ação pudesse ser transformada numa lei universal da Natureza, tornando-se um dever moral de todos. Sade “fornece a verdade da *Crítica*” (LACAN, 1966/1998, p. 777). Devemos atender às ordens - provindas de dentro de nós por um regulador moral, o Supereu - que se apresentam como incondicionais. Por isso, sem que a consciência saiba, obedecemos ao discurso capitalista de forma categórica, nós ‘consentimos’ com tal exploração.

Logo se entende o porquê do antagonismo do discurso capitalista dirigido contra a psicanálise. O discurso psicanalítico se contrapõe àquele que busca obscurecer e negar a falta que nos constitui como sujeitos e coloca questões críticas ao *status quo*: Mas por que deve ser assim? Outra forma não será possível? Qual é a sua parte no sofrimento que lhe acomete? Mas é esse o seu desejo?

Para concluir

Retomando o artigo de Sauret *et al.* (2016), perguntamos se um governo que proíbe uma forma de tratamento qualificado para um sujeito autista, mesmo sendo aquela que o familiar gostaria, não estaria indo contra a singularidade e o desejo, ou seja, não está indo na contramão da direção ética?

Parece que as técnicas educacionais realmente não levam em conta a opinião da pessoa com autismo e negligenciam a angústia que acompanha a condição (ou a consideram apenas como uma forma de stress). Para o psicanalista, no entanto, ela é um caminho para o real com o qual o sujeito chamado autista está confrontado. Nessa base, a psicanálise está justificada em supor que há um sujeito no sentido completo do termo e, portanto, oferecer-lhe a atenção necessária para que o sujeito se manifeste em seu próprio caminho; justifica-se também pela tentativa de dar o acolhimento adequado à particularidade do sujeito (não importando a orientação do psicanalista – precisaríamos de outro artigo para discutir as diferenças). Além disso, a psicanálise tenta acompanhar esse sujeito em seu esforço para encontrar ou construir uma resposta para a sua ansiedade (bem como a sua violência e ódio) e dar apoio às invenções através das quais ele já habita a relação analítica

e até mesmo, às vezes, um vínculo social que excede os limites do tratamento. Quando esse tipo de trabalho é avaliado, este aspecto de “viver juntos” é muitas vezes esquecido, ou se reduz (isto é, é confundido com) os efeitos acumulativos do cuidado infantil, de terapias educacionais e de redução da ansiedade, agressividade e das dificuldades sexuais. Inclusive acontece de o tempo passado com o sujeito chamado autista ser jogado contra a psicanálise, devido ao seu custo e ao fato de que ele não parece ensinar novas habilidades (p. 1111).

A psicanálise apoia-se na ética do desejo singular, que leva à pergunta: agiste conforme o desejo que te habita? Foste fiel ao acontecimento que fez irromper o desejo? Ou traíste a tua verdade? O filósofo Alain Badiou (1995), inspirado, entre outros, no conceito de sujeito para Lacan, desenvolve uma argumentação preciosa que sustenta a ideia de que só alcançará a posição de sujeito aquele que for capaz de ser fiel a um acontecimento que lhe marcou a vida em um antes e um depois: um amor, uma crença, um ideal, uma política. A potencialidade de ser fiel a um acontecimento mostra-se essencial para o advento de uma verdade que constitui um sujeito, pois “como o processo de verdade é ruptura imanente, você não o pode “abandonar” (o que quer dizer, segundo a forte expressão de Lacan, retornar “ao serviço dos bens”) a não ser rompendo com a ruptura que o havia capturado” (BADIOU, 1995, p. 81).

Portanto, pelas questões que foram aqui explanadas, percebe-se que é a lógica capitalista apoiada no modelo biopsicossocial de indivíduo que julga qual a “forma de tratamento” será mais “eficaz” no sujeito autista, pois a dimensão ética da psicanálise, sustentada pelo desejo, não coaduna com a utilidade, a eficácia e os mecanismos de interesse do capital. Embora os discursos nos teçam e nos enredem na teia composta por palavras, de onde derivam pensamentos, ideias, ideologias, é justamente através do discurso psicanalítico que encontramos uma ferramenta crítica poderosa para desnudar, e até mesmo neutralizar, os estragos subjetivos do discurso capitalista.

Dessa forma, esperamos ter suscitado pontos que impulsionem a reflexão sobre as práticas atuais e que consigamos, conduzidos pela ética que nos é própria, sustentar o lugar da psicanálise frente aos desafios que nos cercam. Tarefa nada fácil na atual conjuntura do mundo, das relações entre os homens e da destrutividade deles para com a vida.

Referências

- BADIOU, Alain. **Ética, um ensaio sobre a consciência do mal**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- BRAUNSTEIN, Néstor Alberto. O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso? **A PESTE: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia**, São Paulo, v.2, n.1, p. 143-165, 2010.
- COUTINHO JORGE, Marco Antonio. A travessia da fantasia na neurose e na perversão. **Estudos de psicanálise**, Belo Horizonte, n. 29, p. 29-37, 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372006000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 fev. 2021.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREUD, Sigmund (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 7, p.119-231.
- FREUD, Sigmund (1923). O ego e o id. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 19, p. 13-85.
- FREUD, Sigmund (1927). Fetichismo. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 21, p. 179-188.
- FREUD, Sigmund [1930 (1929)]. O mal-estar na civilização. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 21, p. 81-177.
- FREUD, Sigmund [1933 (1932)]. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 22, p. 13-180.
- FURTADO DE MENDONÇA, Ligia Gama e Silva. **Há mulheres na perversão?** Rio de Janeiro: Luziê, 2018.

O que a psicanálise nos ensina a partir da perversão: considerações sobre ética, moral e discurso capitalista

- KANT, Imanuel (1788). **Crítica da razão prática**. São Paulo: Publicações Brasil, sem data.
- LACAN, Jacques (1956-1957). **O Seminário, livro 4**: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- LACAN, Jacques (1959-1960). **O seminário, livro 7**: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, Jacques (1966). Kant com Sade. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 776-803.
- LACAN, Jacques (1969-1970). **O seminário, livro 17**: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- MARTINHO, Maria. Helena. **Perversão**: um fazer gozar. 2011. 341f. Tese (Doutorado em Pesquisa e Clínica em Psicanálise). Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- MARX, Karl (1867). O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo. In: **O capital**: livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 146-158.
- QUINET, Antonio. **As 4+1 condições de análise**. 10. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- RINALDI, Doris. **A ética da diferença**: um debate entre psicanálise e antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- SADE, Marquês de (1795). **A filosofia na alcova**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2008.
- SAURET, Marie-Jean; ASKOFARÉ, Sidi; MACARY-GARIPUY, Pascale; AVILA, Daniel Camparo. Controvérsias atuais no tratamento do autismo na França: o que está em jogo para a psicanálise. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 1098-1118, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/33440/24154>>. Acesso em 12 fev. 2021.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

ABSTRACT

This work aims to investigate, interrogate and evidence the role of psychoanalysis, supported by its ethics, with regard to interventions that we will call perverse in the social field. Through considerations about polymorphous-perversity and structural perversion, it distances itself from contents that relate perversion as morally unacceptable, since it is intrinsic to sexuality. Starting from studies on morals and ethics taken in general and on psychoanalysis in a special way, elucidated by the relation with perversion, it addresses the similarities between perversion and capitalist discourse. This question implies us since we find in the culture and in the clinic practices that overlap with ethics and limit psychoanalytic performance. Take the example of the attempt to prevent psychoanalysts from accompanying autistic people in France. Ethics approaches perversion since both distance themselves from a universal morality, however, the incessant search for *jouissance* unites the perverse to the capitalist and distances him from ethics. We will rely mainly on Freud and Lacan, and on authors from the field of philosophy and social sciences. Psychoanalytic discourse is considered a powerful critical tool to lay bare, and even neutralize, the subjective damages of capitalist discourse.

Keywords: Psychoanalysis. Perversion. Ethics. Culture. Capitalism.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo investigar, cuestionar y resaltar el papel del psicoanálisis, basado en su ética, con respecto a las intervenciones que llamaremos perversas en el campo social. A través de consideraciones sobre la perversión polimorfa y la perversión estructural, nos distanciamos de los contenidos que tratan la perversión como moralmente inaceptable, ya que es intrínseca a la sexualidad. Partiendo de estudios sobre la moral y la ética en general, y los del psicoanálisis de manera especial, dilucidados por la relación con la perversión, abordamos las similitudes entre perversión y discurso capitalista. Esta pregunta nos implica ya que encontramos en la cultura y en la clínica algunas prácticas que se superponen la ética y rodean la acción psicoanalítica. Se toma el ejemplo del intento de evitar que los psicoanalistas acompañen a las personas autistas en Francia. La ética se acerca a la perversión ya que ambas se alejan de una moral universal, sin embargo, la búsqueda incesante del goce une lo perverso con lo capitalista y lo aleja de la ética. Nos apoyaremos principalmente en Freud y Lacan, y en autores del campo de la filosofía y las ciencias sociales. El discurso psicoanalítico se considera una poderosa herramienta crítica para desnudar, e incluso neutralizar, el daño subjetivo del discurso capitalista.

Palabras clave: Psicoanálisis. Perversión. Ética. Cultura. Capitalismo.

RÉSUMÉ

Ce travail vise à interroger, questionner et mettre en évidence le rôle de la psychanalyse, fondée sur son éthique, au regard des interventions que nous qualifierons de perverses dans le champ social. En considérant la perversion polymorphe et la perversion structurelle, on se éloigne des contenus qui traitent la perversion comme moralement inacceptable, car elle est intrinsèque à la sexualité. À partir d'études sur la morale et l'éthique en général et celles de la psychanalyse d'une manière particulière, élucidées par le rapport à la perversion, on aborde les similitudes entre perversion et discours capitaliste. Cette question nous implique puisque on trouve dans la culture et dans la clinique quelques pratiques qui débordent sur l'éthique et entourent l'action psychanalytique : par exemple, on a la tentative d'empêcher les psychanalystes d'accompagner les personnes autistes en France. L'éthique s'approche la perversion puisque les deux s'éloignent d'une morale universelle, cependant, la recherche incessante de jouissance unit le pervers au capitaliste et l'éloigne de l'éthique. Pour ce travail, on utilise, principalement, Freud et Lacan, et aussi des auteurs du domaine de la philosophie et des sciences sociales. Le discours psychanalytique est considéré comme un puissant outil critique pour neutraliser les dommages subjectifs du discours capitaliste.

Mots clés: Psychanalyse. Perversion. Éthique. Culture. Capitalisme.

LIGIA GAMA E SILVA FURTADO DE MENDONÇA

Psicanalista.

Professora Adjunta e Coordenadora do Núcleo de Internacionalização do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Doutora em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pelo Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

ligia.mendonca@gmail.com

Orcid: 0000-0002-0331-0640

RITA MARIA MANSO DE BARROS

Psicanalista.

Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise e do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise e Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Pós-doutorado no Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP.

ritamanso2008@gmail.com / rita.barros@unirio.br

Orcid: 0000-0001-7603-8062

O que a psicanálise nos ensina a partir da perversão: considerações sobre ética, moral e discurso capitalista

Citação:

FURTADO DE MENDONÇA, Ligia Gama e Silva; BARROS, Rita Maria Manso de. O que a psicanálise nos ensina a partir da perversão: considerações sobre ética, moral e discurso capitalista. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, dez. 2022.

Submetido: 02.08.2022 / Aceito: 13.12.2022

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

